

Passionalidade

REYNALDO JARDIM

Editor de Cultura

A inquietação é marca registrada dos artistas. Eles querem as respostas antes mesmo que a questão seja formulada. De outra banda o governo tem se mostrado (embora de verdade não deya estar) tranqüilo demais. Coloca perguntas no ar e não tem paciência para ouvir as respostas.

A passionalidade está solta, pois o tempo em que ela era obrigada a ser reprimida já se esgotou. Passionalidade liberta, inquietação nos espíritos libertários e temos esse tumulto que nada mais é que a espera de soluções mais velozes e definitivas.

Temos e não temos um secretário e uma secretária de cultura? Nesse ter ou não ter todo mundo se perde pasmo. E emocionalmente adota posições apaixonadas. O maniqueísmo domina e predomina. Anjos para lá, demônios para cá.

Jornalisticamente, é um prato irresistível e quente. É nossa obrigação profissional servi-lo ao leitor. Seria imoral colocá-lo na geladeira e oferecê-lo em forma de sorvete. Tanto mais honestos seremos quanto mais conseguirmos manter a temperatura da notícia no mesmo grau da temperatura do acontecimento. Minha função: respeitar (mesmo reconhecendo a impetuosidade do repórter) as informações de seus textos. Ai, eu entro e com a simples edição enfatizo com os títulos e ilustrações os aspectos mais atraentes. Afinal, é preciso de uma embalagem atraente para que o produto seja consumido.

Como editor de cultura, a divisão das secretarias muito me tem ajudado. A criação do Ministério da Cultura idem. Conseguimos, graças ao rebulicão que isso causou ao evidenciar a competência jornalística de minha equipe de repórteres, fazendo com que "cultura" brilhasse na constelação brilhantíssima das editorias que armam este CORREIO. De São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais nos informam que a comunidade cultural e artística esgota nossas edições. E isso, como se falava no Beirute, é muito gratificante. Dai não posso deixar de dizer muito obrigado ao nosso governador.

Há razões que justificam a criação da Secretaria de Cultura?

Cidades menos expressivas do que Brasília têm as suas. Quando estão anexadas Cultura e Educação a educação (sempre com problemas emergenciais) suga toda verba. Coisa assim de 97% para educação. O restante para cultura. São argumentos que precisam ser defendidos. Nossos repórteres estão a cata de quem possa defender esses pontos. Como não conseguem encontrar, deixo aqui o apelo público. O espaço do CORREIO é suficientemente democrático para abrigar opiniões conflitantes.

Uma parcela representativa da cultura candanga está nas ruas levando a bandeira de "abaixo". Que parcela representativa de nossa cultura está se reunindo, está planejando, está agitando a bandeira do acima. E só pintar em nosso pedaço que vira manchete.